



Relatório final de estágio

**Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar e no 1º
Ciclo do Ensino Básico III**

Volume I

Lígia Helena Silva Neves

Docentes:

**Mestre Ana Bela Baptista da Silva
Mestre Arcângela Carvalho
Mestre Nilza Henriques dos Santos**

Lisboa, fevereiro de 2014

Relatório final de estágio

Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar e no 1º
Ciclo do Ensino Básico III

Volume II

Lígia Helena Silva Neves

Docentes:

Mestre Ana Bela Baptista da Silva

Mestre Arcângela Carvalho

Mestre Nilza Henriques dos Santos

Relatório de estágio apresentado à Escola Superior de Educação
Almeida Garrett para obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-
Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Lisboa, fevereiro de 2014

Dedicatória

Dedico este trabalho à minha família e ao meu namorado que sempre me apoiaram, fortaleceram e incentivaram a seguir em frente.

Agradecimentos

Quero agradecer a todos que me ajudaram, direta ou indiretamente ao longo destes anos de altos e baixos, e que contribuíram para a concretização do meu sonho.

Aos meus pais, Iria e Arsénio, aos meus irmãos, Leida, Alírio, Laurindo, ao meu sobrinho, Filipe, muito obrigada por tudo, pois todo o meu percurso é reflexo desta família extraordinária.

Ao meu namorado, Helder Lima, que apesar da distância, tem-se revelado um amigo e companheiro de todos os momentos. Obrigada pelo amor, apoio, companheirismo, carinho e paciência. “Um Lima insiste, persiste e nunca desiste”.

Aos meus avós, tios e primos, por me terem proporcionado uma infância feliz. Distingo o primo Samiro Silva, pela sua convivência, apoio e amizade.

Às minhas colegas, pelos momentos de partilha e de convivência ao longo destes anos. Destaco a Rute Paiva, com quem fiz esta caminhada, lado a lado. Obrigada pelo companheirismo e amizade.

Ao corpo docente da Escola Superior de Educação Almeida Garrett que, com a sua sabedoria, contribuiu para o meu crescimento como profissional e como pessoa, quer na Licenciatura, quer no Mestrado. Destaco as professoras que me acompanharam nesta reta final, são elas: Mestre Ana Bela Silva, Mestre Arcângela Carvalho e Mestre Nilza Santos. Saliento ainda a Mestre Alda Leal e a Doutora Ana Cláudia Sousa que, apesar de já não fazerem parte do corpo docente desta instituição, muito contribuíram para a minha formação e desempenho no estágio. Muito obrigada pelo profissionalismo e dedicação.

Não podia deixar de agradecer à Doutora Ana Pessanha, pela disponibilidade, pela partilha de saberes e materiais.

A todos o meu profundo agradecimento!

Índice geral

Dedicatória	i
Agradecimentos	ii
Índice de figuras	iv
Índice de quadros	vi
Índice de anexos	vii
Introdução	1
Enquadramento teórico	2
Percursos de estágio: primeiro semestre e segundo semestres	4
Caracterização do meio envolvente	4
Caracterização da Instituição	5
Caracterização da sala	8
Caracterização do grupo	10
Intervenções pedagógicas	
Primeiro semestre	12
Segundo semestre	13
Descrição do terceiro semestre	15
Caracterização do meio envolvente	15
Caracterização da Instituição	16
Caracterização da sala	17
Caracterização do grupo	20
Intervenções pedagógicas	2
Intervenção I	24
Intervenção II	26
Intervenção III	27
Conclusão	29
Referências bibliográficas	31

Índice de figuras

Figura 1 – Museu Nacional do Traje	4
Figura 2 – Museu Nacional do Teatro	4
Figura 3 – Biblioteca Municipal Maria Keil	5
Figura 4 – Biblioteca Orlando Ribeiro	5
Figura 5 – Quinta das Conchas	5
Figura 6 – Quinta dos Lilases	5
Figura 7 – Parque Vale Grande	5
Figura 8 – Fachada principal do Real Colégio	5
Figura 9 – Planta do Real Colégio	7
Figura 10 – Área do acolhimento	8
Figura 11 Área da construção	8
Figura 12 – Área da casinha	8
Figura 13 – Área das expressões	9
Figura 14 – Área da garagem	9
Figura 15 – Planta da sala	9
Figura 16 – Jogo de encaixe	13
Figura 17 - Peças do jogo de encaixe	13
Figura 18 – Abertura lateral para recuperação das peças do jogo	13
Figura 19 – Fachada principal do Externato Mãe de Deus	16
Figura 20 – Pátio exterior	17
Figura 21 – Área da garagem	18
Figura 22 – Área do tapete	18
Figura 23 – Área da casinha (quarto)	18
Figura 24 - Área da casinha (cozinha)	19
Figura 25 – Área da biblioteca	19
Figura 26 – Área das expressões	19
Figura 27 – Postal de Natal	24
Figura 28 – Pintura de sopro	26
Figura 29 – Secagem da pintura de sopro	26
Figura 30 – Exposição dos chapéus de chuva	26
Figura 31 – colagem de algodão e papel de lustre nos bonecos de neve	27
Figura 32 – Pintura do painel	28
Figura 33 – Pintura das letras	28

Figura 34 – Colagem de lã na árvore	28
Figura 35 – Secagem do trabalho	28
Figura 36 – Exposição do trabalho	28

Índice de quadros

Quadro 1 – Legenda da planta do Real Colégio	7
Quadro 2 – Legenda da planta da sala de atividades 1	9
Quadro 3 – Rotina diária da sala dos 2 anos	11
Quadro 4 – Rotina diária da sala amarela	21

Índice de anexos

Anexo 1 – Caracterização do externato Mãe de Deus	I
Anexo 2 - Planificação da atividade do primeiro semestre	II
Anexo 3 - Planificação da atividade do segundo semestre	III
Anexo 4 - Planificação da Intervenção I	IV
Anexo 5 - Planificação da Intervenção II	V
Anexo 6 - Planificação da Intervenção III	VI
Anexo 7 – Planificações de atividades desenvolvidas no terceiro semestre	VII

Introdução

“O sonho comanda a vida”

Fernando Pessoa

Foi por acreditar que o sonho comanda a vida que saí da minha terra natal há 12 anos atrás, deixando para trás amigos, colegas e grande parte da família, para me juntar à minha mãe e irmã em Portugal. A mesma persistência pela realização dos sonhos, trouxe-me à Escola Superior de Educação Almeida Garrett, onde, após quatro anos e meio, termino mais um capítulo de “um livro” com muitas páginas ainda por escrever.

Este relatório surge no âmbito do Curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, mais concretamente na Unidade Curricular de Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, com base legal no Decreto Lei 43/2007 de 22 de fevereiro, ministrado na Escola Superior de Educação Almeida Garrett.

Consiste numa descrição reflexiva do percurso realizado no âmbito da Unidade Curricular de Prática de Ensino Supervisionada, ao longo destes três semestres, nos quais tive a oportunidade de contactar com a realidade escolar, o que me levou a reflectir sobre o papel dos estagiários e acção profissional do educador de infância.

De acordo com Silva et al. (2009:17), “a educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida”. Assim sendo, constitui um período essencial no decurso de desenvolvimento e aprendizagem das crianças, pelo que, a acção pedagógica do educador deve centrar-se no desenvolvimento global das mesmas.

O presente relatório encontra-se organizado em diferentes partes: enquadramento teórico, onde reflecto sobre a importância da prática de ensino supervisionada para a carreira profissional e sobre o perfil do educador de infância, percursos de estágio no primeiro e segundo semestres, percurso de estágio no terceiro semestre, e por último, a conclusão.

Enquadramento teórico

A prática de ensino supervisionada constitui um importante período de formação pessoal e profissional de um futuro educador, pois é o primeiro contacto com a realidade em que se desenvolvem as atividades educativas fora do ambiente familiar.

Segundo Garcia (1999:113), é necessário entender a formação inicial como “ o período de tempo que abarca os primeiros anos, nos quais os professores fazem a transição de estudantes para professores e durante o qual os professores devem adquirir competências profissionais”.

Nesta etapa, o formando tem a oportunidade de adquirir um conjunto de saberes e experiências envolvendo o processo de ensino/aprendizagem, e de colocar em prática os fundamentos teóricos aprendidos durante as aulas, exercitando as suas potencialidades e desenvolvendo competências.

O Estágio Supervisionado é muito importante para a aquisição da prática profissional, pois durante esse período o aluno tem a oportunidade de colocar em prática, e refletir criticamente sobre todo o conhecimento teórico que adquiriu ao longo das aulas. Traduz-se num período de trabalho, no qual se culmina a formação e a aprendizagem do futuro educador, e que tem como principal objetivo proporcionar ao aluno o primeiro contacto com o ambiente escolar.

Esta Unidade Curricular constituiu uma etapa importante, de aprendizagens significativas, pois, pude contactar diretamente com aquela que será a minha realidade enquanto profissional. Permitiu-me o desenvolvimento de novas competências, tanto na vertente prática, como no contexto curricular, através das atividades desenvolvidas nas salas e ou em espaços informais, das planificações elaboradas, das reflexões efectuadas.

De acordo com o Decreto Lei nº 43/2007 de 22 de fevereiro, a prática de ensino supervisionada constitui o momento privilegiado, e insubstituível, de aprendizagem da mobilização dos conhecimentos, capacidades, competências e atitudes, adquiridas nas outras áreas, na produção, em contexto real, de práticas profissionais adequadas a situações concretas na sala de actividades, na creche e no jardim de infância e na articulação destas com a comunidade.

Este período de formação permite ao estagiário a possibilidade de desenvolver certas características descritas no perfil do educador de infância, nomeadamente:

- Organização do espaço e dos materiais, concebendo-os como recursos para o desenvolvimento curricular;
- Promoção da autonomia das crianças.

- Apoio e promoção do desenvolvimento afetivo, emocional e social de cada criança e do grupo;
- Disponibilização e utilização de materiais estimulantes e diversificados, incluindo os selecionados a partir do contexto e das experiências de cada criança;
- Garantia das condições necessária de segurança, de acompanhamento e de bem estar das crianças;

Percursos de estágio: primeiro e segundo semestres

Os estágios do primeiro e segundo semestres foram realizados no Real Colégio de Portugal, com um grupo de crianças dos dois anos.

Caracterização do meio envolvente

A interação entre a escola e o meio no qual se encontra inserida promove o desenvolvimento pessoal e social das crianças, pois a comunidade serve-se da escola como um recurso que forma os seus cidadãos e a escola, por sua vez, converte-se num investimento dessa mesma comunidade.

O Real Colégio de Portugal localiza-se em Lumiar, uma das Freguesias do Concelho de Lisboa.

Segundo a Junta de Freguesia do Lumiar, esta é uma das freguesias mais populosas do Concelho, com os seus cerca de 45.000 habitantes. Confina com o concelho de Odivelas e freguesias de Campo Grande, S. João de Brito, Santa Maria dos Olivais, Charneca do Lumiar, Ameixoeira e Carnide.

Foi criada em 2 de Abril de 1266, dado o seu crescimento em importância e população. No início do séc. XVIII, Lumiar era definido como um local de nobres quintas, olivais e vinhas.

Desde meados do séc. XIX, a freguesia tem registado um progressivo aumento da população.

A Freguesia de Lumiar dispõe de diversos equipamentos públicos que podem ser visitados pelas crianças e educadores da Instituição, contribuindo para o engrandecimento dos conteúdos a serem aprendidos pelas crianças. A título de exemplo, menciono:

Espaços culturais:



Fig. 1 - Museu Nacional do Traje



Fig. 2 - Museu Nacional do Teatro



Fig. 3 - Biblioteca Municipal Maria Keil



Fig. 4 - Biblioteca Orlando Ribeiro

Espaços verdes



Fig. 5 - Quinta das Conchas



Fig. 6 - Quinta dos Lilases



Fig. 7 - Parque Vale Grande

Caracterização da Instituição

O contexto institucional da educação pré-escolar deve organizar-se como um ambiente facilitador do desenvolvimento e da aprendizagem das crianças (Silva et al., 2009:31).

O Real Colégio de Portugal é um estabelecimento de ensino privado, pertencente ao Grupo Lusófona.

O Colégio situa-se numa zona nobre de Lisboa, na Rua Direita ao Paço do Lumiar, n^o9, 1600-435 Lisboa.



Fig. 8 – Fachada principal da Instituição

Funciona entre as oito e as dezanove horas e, actualmente recebe crianças entre um ano (aquisição da marcha) e os doze/treze anos (2^o Ciclo do Ensino Básico).

Pelo que pude observar durante o meu estágio, o método de ensino vigente na instituição caracteriza-se pela abordagem tradicional, que se caracteriza pelo fato de o adulto se encontrar no centro do processo educativo, dirigido a todo o grupo ao mesmo tempo, a criança escuta e efectua o que lhe é proposto.

História da instituição

O Real Colégio de Portugal abriu as suas portas no ano lectivo de 1999/2000, dando uma nova utilização a um espaço secular, a **Quinta do Conde do Paço**, integrada numa das mais antigas zonas da freguesia do Lumiar. A quinta é uma das construções mais significativas do conjunto de edificações de casas nobres que no decorrer do séc. XVIII e princípios do XIX foram povoando a zona do Paço do Lumiar.

Os Viscondes do Paço do Lumiar, D. José Maria da Costa Buena e Nieto Cevallos de Vila Lobos Hidalgo e Moscoso e D. Gregória Antónia Bueno e Nieto Cevallos de Vila Lobos Hidalgo e Moscoso foram os primeiros proprietários da quinta. Estes adquiriram o título de nobreza após terem albergado em 1862 no palácio do Paço do Lumiar o irmão de D. Luís I, Infante D. Augusto, que, doente, se fez acompanhar de uma numerosa comitiva, enfermeiro e médico particular, procurando nos bons ares do Lumiar o restabelecimento da sua saúde, ficando agradecido pela amabilidade dos Vila Lobos, ascendendo estes a Viscondes.

Em 1915, António Vila Lobos, descendente directo do Conde do Paço, resolveu vender a propriedade, o que aconteceu em 1927 quando foi adquirida pelo Dr. Carlos Mello e esposa, D. Maria de Mello Espírito Santo, que, tornando-se viúva nos anos 30, ficou na posse da propriedade, até que na década de 80, a Cooperativa de Promoção de Actividades Culturais de Telheiras adquiriu a propriedade, mas por um curto período de tempo, pois foi vendida a um empreiteiro de construção civil, que construiu um condomínio privado nos terrenos da quinta anteriormente divididos em espaços de agricultura e lazer.

Nos finais dos anos 90, a quinta foi adquirida pelo Real Colégio de Portugal, que dada a deterioração da propriedade iniciou as obras de recuperação do palácio e principais logradouros.

Em 2009, o Real Colégio de Portugal adquiriu a Quinta do Pisani e recuperou os antigos edifícios, onde, a partir do ano lectivo 2010/2011 se estabeleceu um parque escolar que permitiu o alargamento do projecto educativo para o 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico.

Quanto ao aspeto físico, a Instituição dispõe de diversos espaços exteriores e interiores, distribuídos entre o Palácio e a Quinta do Pisani.

O Palácio divide-se em três blocos de edifícios. No primeiro bloco situam-se as seguintes instalações: sala polivalente, onde é realizada o acolhimento das crianças do pré-escolar; duas salas do 1º Ciclo; seis do pré-escolar; uma de informática; biblioteca; sala de vídeo; sala de reuniões; instalações sanitárias para as crianças e para os adultos; refeitório;

cozinha; arrecadações; sala de materiais; terraço vedado. No segundo bloco, localizam-se cinco salas de 1º Ciclo; um ginásio; dois balneários com instalação sanitária; instalações sanitárias para as crianças e para os adultos; arrecadação para material desportivo; um elevador. O terceiro bloco (onde funciona a creche) conta com quatro salas (duas salas de actividades no rés do chão e duas no 1º andar, onde se efetua o repouso das crianças); instalações sanitárias; uma lavandaria.

A Quinta do Pisani dispõe das seguintes instalações: sala de Direção; sala dos professores; Centro de Recursos Educativos; sala de informática; laboratórios; salas de aulas do 2º e 3º Ciclos; instalações sanitárias; refeitório; bar; cozinha; pavilhão multiusos.

Quanto aos espaços exteriores, dispõe de uma quinta pedagógica; um parque infantil; um campo de jogos equipado para várias modalidades desportivas; diversos espaços de recreio jardinados. Existem ainda, uma passagem para abrigo/ protecção da chuva e rampas para facilitar a mobilidade de deficientes físicos.

Penso que os espaços da instituição, de uma forma geral, encontram-se adequados e correspondem às necessidades do público que a frequentam. Os espaços existentes impõem-se como estruturas facilitadoras das aprendizagens das crianças que frequentam o colégio. Refiro-me, essencialmente, à quinta pedagógica e aos diversos espaços verdes, que possibilitam o contacto diário com a natureza, permitindo às crianças a interiorização de valores inerentes a uma visão ecológica, a exploração do meio que as rodeia e o desenvolvimento de novas aptidões.

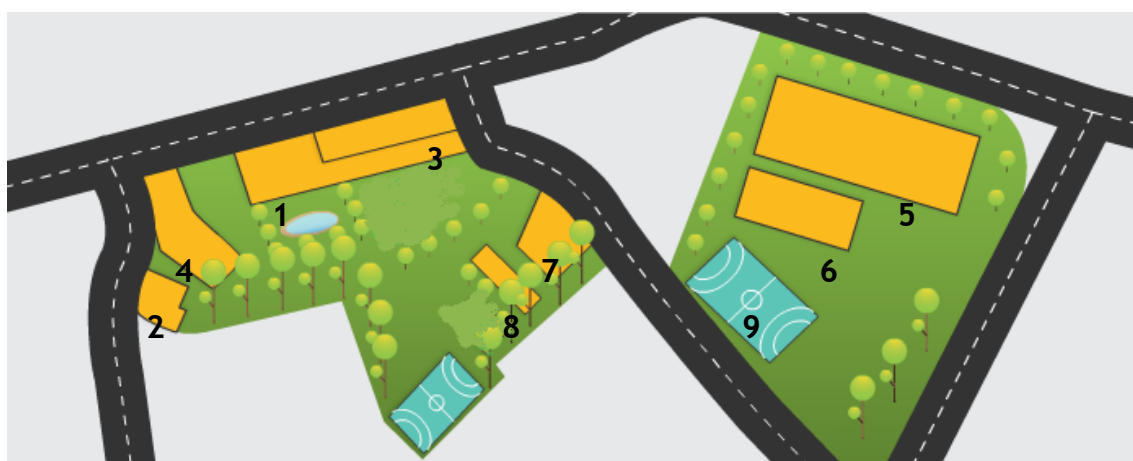


Fig. 9 - Planta do Colégio

1. Palácio	4. 1º Ciclo	7. Quinta pedagógica
2. Creche	5. 2º e 3º Ciclos	8. Salas comuns
3. Jardim de infância	6. Edifício Quinta do Pisani	9. Campo de jogos

Quadro 1 – Legenda da planta do Real Colégio

Caracterização da sala

A sala dos dois anos, denominada de Sala de Actividade 1, não é uma sala ampla, tendo em conta o número de crianças e as necessidades das mesmas, recebe luz directa do exterior, através de 2 janelas, possui 2 portas (a porta de acesso ao exterior e a de acesso às instalações sanitárias e à sala de aquisição da marcha), um armário (incorporado na parede) onde, na parte de baixo são guardados os pertences das crianças, em prateleiras individuais, e alguns jogos de mesa; e na parte de cima (fica fora do alcance das crianças e possui 2 portas) são guardados os materiais da sala, como tintas, papeis, colas, pincéis, etc.

A sala encontrava-se dividida em 5 áreas:

Área do acolhimento

Esta área é um local de reunião, onde o grupo se junta para partilhar vivências, contar histórias, cantar, realizar alguns jogos, etc. é também neste espaço que decorre a aula de música. É uma área que ajuda a promover o desenvolvimento da linguagem, da criatividade e da imaginação, e serve também para o controle das emoções.



Fig. 10 – Área do acolhimento

Área da construção

Esta área serve para: explorar, classificar, agrupar, comparar, ordenar, representar experiência, desempenhar papéis, etc. Os blocos, se organizados logicamente, trabalham o pensamento espacial e o equilíbrio. Podem ser utilizados como jogo de simulação, de muitas maneiras e para



Fig. 11 – Área da construção

diferentes finalidades ao nível individual ou em grupo Facilitam o desenvolvimento da capacidade de manusear estruturas verticais, horizontais e circulares.

Área da casinha

Esta área converte-se no centro de jogos de simulação. Aqui as crianças exprimem, actuam, representam o que lhes são familiares, próximos e significativos do seu meio vital: papéis, situações, pessoas e conflitos, o que vai dando sentido a sua experiência. Esta área permite o trabalho de equipa, o comentário das coisas, a expressão de sentimentos e ideias. A verbalização joga aqui um grande papel.



Fig. 12 – Área da casinha

Área das expressões

Aqui são realizadas as actividades pedagógicas, como por exemplo, pinturas, colagens, jogos de mesa, desenhos e plasticina. Promove o desenvolvimento da criatividade, da imaginação, da destreza manual, etc.



Fig. 13 – Área das expressões

Área da garagem

Nesta área, as crianças brincam, sozinhas ou em pequenos grupos, explorando os diferentes brinquedos existentes. Promove o desenvolvimento da linguagem, da criatividade, a socialização, a coordenação motora e estimula a brincadeira livre.

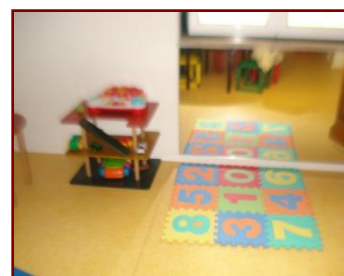


Fig. 14 – Área da garagem

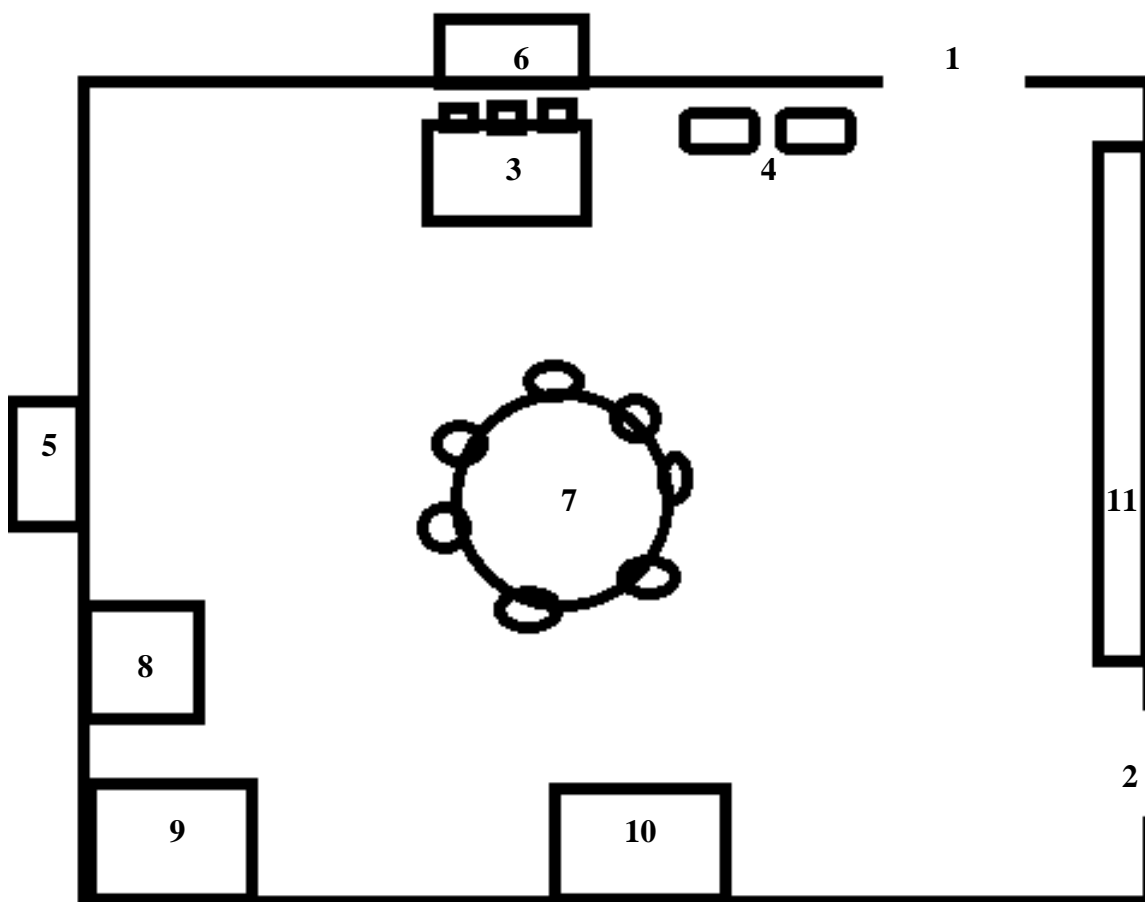


Fig. 15 - Planta da sala

- | | |
|--|------------------------|
| 1. Porta principal | 7. Área das expressões |
| 2. Porta de acesso às instalações sanitárias e à sala de actividades 2 | 8. Área da garagem |
| 3. Área de acolhimento / tapete | 9. Área da casinha |
| 4. Cestos de arrumação dos livros e bonecas | 10. Área da construção |
| 5 e 6 . Janelas | 11. Armário |

Quadro 2 – Legenda da planta da sala

Caracterização do grupo

Na educação pré-escolar o grupo proporciona o contexto imediato de interação social e de relação entre adultos e crianças e entre crianças que constitui a base do processo educativo (Silva et al., 2009:34).

Segundo Jean Piaget, este grupo encontra-se no estágio sensório motor, caracterizado pela inteligência prática, baseada nas sensações e nos movimentos, isto é, a criança nesta fase aprende acerca de si próprio e do mundo através do desenvolvimento da sua atividade sensorial e motora.

O grupo era constituído por catorze crianças, sendo quatro rapazes e dez raparigas, na faixa etária dos dois anos, pertencente à valência de Creche, residentes na em Lisboa e oriundos de famílias pertencentes à classe média alta. Deste grupo, apenas cinco crianças frequentaram a instituição no ano anterior. Quanto às restantes, duas frequentaram outras instituições e sete não frequentaram nenhuma instituição.

Na sala de actividades, era um grupo pouco autónomo e pouco participativo, onde se destacavam duas crianças que são mais extrovertidas, Porém, durante as sessões de ginástica, as crianças revelavam atitudes diferentes, pois eram participativas, exploravam os materiais, interagem com os pares e com os adultos presentes. Esta alteração de comportamento por parte das crianças levou-me a observar e reflectir melhor e compreendi então a importância da atitude do professor que as deixava brincar e explorar os materiais livremente. Neste contexto, o papel do adulto era o de observar e prestar apoio às crianças.

Após essa reflexão, constatei que a falta de iniciativa que observei nas crianças na sala de actividades estava relacionada com as atitudes dos adultos responsáveis por estas, que, constantemente, diziam **Não** às explorações livres e autónomas das mesmas, e que, muitas vezes, se limitavam a ralar com elas em algumas situações, nomeadamente, no que respeitava à arrumação dos brinquedos após a sua utilização.

Perante esta situação, partilho da opinião de Portugal (s.d.), que defende que trabalhar em creche *requer conhecimentos específicos e uma planificação apropriada, sustentada no conhecimento do desenvolvimento nos primeiros anos de vida e das finalidades educativas de todo o trabalho em creche*. A autora salienta ainda que este trabalho *requer respeito, compreensão e empatia, muita flexibilidade para responder às necessidades de cada criança e família, reflexão crítica e questionamento continuado de práticas, indispensáveis à inovação na resolução de problemas*.

Um dos aspetos a ter em consideração na caracterização do grupo é a forma como se encontra organizada a sua rotina diária.

Hohmann e Post (2003) defendem que uma rotina diária consistente permite à criança antecipar os acontecimentos que se vão seguir e dá-lhe um grande sentido de controlo sobre aquilo que fazem em cada momento do seu dia na creche.

A estruturação de uma rotina diária previsível, porém, flexível, constitui uma das funções do educador. Este deve responder ao horário diário personalizado de cada criança, e ao mesmo tempo, criar um horário global que se adapte tanto quanto possível a todo o grupo.

Assim sendo, a rotina diária do grupo encontrava-se organizada da seguinte forma:

Horas	Ações
8 – 9	Acolhimento
9 – 11:30	Actividades orientadas
11:30 – 12:30	Higiene Almoço
12:30 - 13	Higiene
13 -15:30	Repouso
15:30 - 16	Lanche Higiene
16 -17	Actividades livres

Quadro 3 – rotina diária da sala dos 2 anos

Intervenções pedagógicas

Primeiro semestre

Ao longo do primeiro semestre, desenvolvi diferentes atividades que foram planejadas, evidenciando a intencionalidade educativa, tendo em consideração as características e necessidades das crianças a quem se destinavam.

Segundo Silva et al. (2009: 26), planejar o processo educativo de acordo com o que o educador sabe do grupo e de cada criança, do seu contexto familiar e social é condição para que a educação pré-escolar proporcione um ambiente estimulante de desenvolvimento e promova aprendizagens significativas e diversificadas que contribuam para uma maior igualdade de oportunidades.

Assim sendo, a atividade desenvolvida com as crianças nesse período, que escolhi para constar neste trabalho, é o jogo de encaixe, realizado no dia 21 de janeiro de 2013 (ver anexo 1).

Para tal, decorei uma caixa de cartão de tamanho médio com papel autocolante, e fiz umas aberturas na parte superior (um quadrado, um rectângulo e um círculo) e uma abertura na parte lateral, por onde se recuperava as peças de dentro da caixa após cada jogada. Para as peças do jogo, decorei, com papel autocolante de cores variadas, embalagens de cartão quadrangulares e rectangulares, e embalagens de plástico circulares. Fiz também umas bolas com papel de jornal. O objectivo era que as crianças encaixassem as peças na caixa, fazendo corresponder cada peça à forma da abertura feita na parte superior da caixa.

Após o acolhimento, coloquei a caixa e as peças no chão, sem dizer nada às crianças. Estas aproximaram-se e começaram a brincar com as peças do jogo. Algumas começaram a tentar introduzir as peças dentro da caixa, porém, sem fazer corresponder a forma da peça à abertura da caixa. Duas delas, após algumas tentativas, descobriram o objetivo do jogo e fizeram corresponder as formas das peças às aberturas da caixa.

Todas participaram ativamente no jogo e demonstraram um espírito de entreatajuda e de equipa, nomeadamente, na recuperação das peças de dentro da caixa, em que levantavam a caixa, viravam a abertura lateral para baixo e sacudiam-na, espalhando as peças pela sala. De seguida, juntavam as peças e voltavam a jogar.

Durante a atividade, pelas manifestações das crianças percebi que se estavam a divertir, principalmente pela alegria demonstrada cada vez que as peças caíam da caixa para o chão, o que me fez sentir bastante satisfeita.

Porém, como aspeto a ser melhorado, aponto o fato de só ter levado um exemplar, pois, queriam jogar todos ao mesmo tempo.

Escolhi esta atividade, pois, com um jogo aparentemente simples, proporcionei às crianças diferentes aprendizagens, pela descoberta pessoal e ou em interação com os pares. Proporcionei igualmente momentos de concentração, que contribuíram para desenvolvimento da coordenação óculo manual, de forma lúdica.

Acredito que as atividades de carácter lúdico promovem o desenvolvimento das crianças, a nível da criatividade, flexibilidade de pensamento e da autonomia. Nesta ordem de ideias, concordo com Pessanha (2001:35), quando refere que a atividade lúdica possibilita à criança experimentar, associar e recriar combinações de comportamentos e ideias, desenvolvendo estratégias funcionais para contextos mais realistas.



Figura 16 – jogo de encaixe



Figura 17 – peças do jogo



Figura 18 – abertura para recuperação das peças

Segundo semestre

Para o segundo semestre, escolhi uma atividade realizada no dia 14 de junho, supervisionada pela professora Alda Leal.

Levei dentro da “**Caixa com História**” (trabalho realizado em sala de aula e que consistiu na decoração de uma caixa de cartão) os materiais (ver anexo 2). Quando coloquei a caixa em cima da mesa de atividades, as crianças manifestaram curiosidade em saber o que esta continha.

Conversei com elas no tapete sobre a atividade e de seguida li a história, fazendo a sua exploração oral, promovendo uma melhor compreensão da mesma.

Posteriormente mostrei às crianças alguns dos frutos reais (mencionados na história). Fiz a sua identificação e deixei-as explorar, o cheiro, a cor, a textura, etc.

Depois pedi-lhes que se sentassem à volta da mesa para que pudéssemos passar à etapa seguinte: construção do jogo de memória. Levei uma imagem dos diferentes frutos observados e pedi às crianças que os pintassem. Depois de pintadas, as imagens foram coladas em pequenos cartões posteriormente plastificados.

Quando terminámos os cartões, continuamos a exploração das imagens do livro e das características dos frutos reais. Trabalhamos a textura (rugoso/liso), noções matemáticas (grande/pequeno; maior/ mais pequeno), o cheiro dos frutos, a noção de quantidade, a associação dos frutos reais aos que elas pintaram e às imagens do livro. A manga acabou por se abrir, pelo que foi aproveitada para apreciarem e o seu sabor e descobrirem o sentido do paladar. Algumas crianças mostraram um certo receio em experimentar, um fruto desconhecido mas tal facto foi passageiro. Brincaram com a polpa da manga que ficou em cima da mesa, fazendo desenhos com os dedos, como se fosse digitinta. Aproveitei e tirei a prova numa folha de papel A4.

Não tivemos tempo de jogar o jogo dos cartões construído pelas crianças, por isso o jogo ficou para o dia seguinte.

Foi uma atividade muito rica, em que foi trabalhado o jogo heurístico. Houve diversas oportunidades para as crianças explorarem e experimentarem os materiais de diversas formas, e penso que essa é uma forma bastante boa de promover aprendizagens significativas. Heurística arte de inventar, de fazer descobertas; ciência que tem por objeto a descoberta dos fatos (HOUAISS).

Descrição do terceiro semestre

Neste último semestre, o estágio foi realizado no Externato Mãe de Deus, situado na Freguesia da Penha de França.

Caracterização do meio envolvente

Silva et al. (2009:33) defendem que o meio social envolvente tem influência na educação das crianças.

Assim sendo, torna-se necessário o conhecimento deste pelo educador, permitindo-lhe uma melhor compreensão e conhecimento do seu grupo de crianças, e adaptação das suas intervenções às características do seu “ público alvo”.

Nesta linha de pensamentos, importa descrever o meio no qual a Instituição se encontra inserida.

De acordo com a Junta de Freguesia da Penha de França, a atual área desta localidade foi durante séculos uma zona de quintas e hortas, onde muitos lisboetas se deslocavam para passear. No seu espaço foram construídos majestosos solares, onde viveram famílias nobres.

A Penha de França nasceu em plena época dos Descobrimentos, tendo sido local de residência de nomes importantes, como Diogo Cão, descobridor português do século XV.

Nos finais do século XIX, com a construção das vilas operárias, apareceram os primeiros arruamentos e deu-se um grande surto de desenvolvimento urbano na Freguesia. Porém, só a partir de 1930 é que começou a urbanização maciça da mesma, com a construção de vários bairros. O crescimento desordenado deu origem ao desaparecimento da maioria das vilas operárias e das casas nobres do século XVII.

Hoje em dia, a Penha de França possui cerca de 18000 habitantes, sendo que a maioria trabalha no setor terciário (comércio de pequena dimensão e serviços), constituindo esta a atividade económica predominante da Freguesia.

Esta localidade dispõe de diversos espaços e equipamentos que podem ser utilizados pela população e pelas instituições locais, como forma de enriquecimento das aprendizagens, pela vivência de diversas acções e aprofundamento de um vasto leque de conteúdos. Aponto como exemplo:

- Espaço multiusos, onde são realizadas diversas acções culturais, desportivas e socioculturais tais como teatro, exposições, música, pintura, atividades desportivas, entre outras. São também efetuadas sessões de formação na área da informática e do inglês.

- Biblioteca Municipal
- Piscina Municipal
- Igreja da Nossa Senhora da Penha de França

O Externato desenvolve projetos em parceria com instituições locais, nomeadamente, com a Junta de Freguesia, com a Polícia e com os Bombeiros.

Caracterização da instituição

O Externato Mãe de Deus funciona no antigo edifício do Palácio da Bela Vista, localizado na rua Penha de França nº 243. É uma Instituição Particular de Solidariedade Social, de orientação cristã, pertencente à Congregação Religiosa das Escravas da Santíssima Eucaristia e Mãe de Deus.



Fig. 19 – Fachada principal da Instituição

Recebe crianças do Jardim de Infância e do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Possui salas suficientes, adequadas e equipadas convenientemente para o bom funcionamento das atividades educativas, com largos espaços livres para recreio e prática de ações diversas com a comunidade educativa, incluindo as famílias dos educandos.

O edifício é composto por três pisos. No rés do chão, encontram-se quatro salas, onde funciona o jardim de infância. No primeiro piso, funcionam duas salas do 1º Ciclo (1º e 2º anos), uma sala polivalente e outra de informática. No segundo piso, funcionam duas salas do 1º Ciclo (3º e 4º anos) e uma sala polivalente, que atualmente está a ser utilizada para as aulas de música.

No rés do chão, encontram-se ainda, um refeitório, cozinha, copa, arrecadações para armazenamento de materiais e equipamentos, secretaria e recepção.

A escola dispõe de um amplo espaço exterior descoberto, onde se encontram os campos de jogos e um parque infantil, utilizado para as brincadeiras durante o recreio, e para as sessões de educação física. Este espaço proporciona uma vista deslumbrante da baixa de Lisboa e da margem sul do Tejo, e encontra-se vedado, garantindo a segurança dos que o frequentam. Na ótica de Hohmann e Weikart (2009), o contacto das crianças

com espaços ao ar livre é fundamental para o seu desenvolvimento, sendo neles que elas se assumem como construtores imaginativos.



Fig. 20 - Pátio exterior

Possui ainda um amplo salão onde são realizadas as sessões de educação física e as brincadeiras das crianças, quando as condições atmosféricas não permitem que tais decorram no espaço exterior. É também utilizado para prática de atividades variadas, nomeadamente as comemorações das datas importantes para o colégio.

Sendo uma Instituição de orientação cristã, possui uma capela, que é frequentada pelos adultos e pelas crianças.

Caracterização da sala

Zabalza (2001:120) considera que “o espaço na educação constitui-se como uma estrutura de oportunidades. É uma condição externa que favorecerá ou dificultará o processo de crescimento pessoal e o desenvolvimento das atividades instrutivas”. Assim sendo, torna-se necessário caracterizar a sala onde decorreu o estágio.

A sala amarela é um espaço amplo, tendo em consideração o número de crianças que a frequentam. É bem iluminada, usufruindo de amplas janelas, o que permite às crianças a visualização do exterior, o que constitui um benefício para quem a frequenta diariamente por longas horas, pois, além de contribuir para a redução no gasto da energia elétrica, contribui também para a saúde e o conforto visual das crianças e para o seu bem-estar. Outra vantagem é a visualização do meio exterior, que proporciona o conhecimento aproximado das horas do dia e das mudanças climáticas.

É um espaço bem arejado e com cores vivas, constituindo um estímulo para o desenvolvimento harmonioso e bem estar dos que a frequentam. Segundo Cardona (2007), *as paredes das salas também falam*.

De acordo com Silva et al. (2009:37), *a organização e a utilização do espaço são expressão das intenções educativas e da dinâmica do grupo, sendo indispensável que o*

educador se interrogue sobre a função e finalidades educativas dos materiais de modo a planear e fundamentar as razões dessa organização.

Deste modo, a sala amarela encontra-se dividida em diferentes áreas, sendo elas:

- Área da garagem, equipada com carros e pistas de corrida, que permite entre outras, aprendizagens acerca da segurança rodoviária.



Fig. 21 – Área da garagem

- Área do tapete, onde são realizadas as reuniões do grupo. Esta área é também utilizada para os jogos de construção;



Fig. 22 – Área do tapete

- Área da casinha (quarto), que se encontra equipada com uma cama feita em madeira, com tamanho suficiente para as crianças brincarem em cima dela, uma mesa de cabeceira, um telefone, uma cadeirinha de bebé, algumas bonecas, alguns acessórios (malas, cartões bancários, carteiras, etc.).



Fig. 23 – Área da casinha (quarto)

- Área da casinha (cozinha), equipada com um móvel em madeira que inclui fogão, frigorífico, louças, peças de fruta em plástico, máquina de lavar roupa, lava louças e armários de arrumação.



Fig. 24 – Área da casinha (cozinha)

- Área da biblioteca, espaço que proporciona às crianças o acesso aos livros, possibilita o seu manuseamento, desenvolve atitudes e hábitos de leitura, e promove a socialização.



Fig. 25 – Área da biblioteca

- Área das expressões, onde se realizam atividades como pintura, desenho, recorte, colagem, jogos de mesa, etc.



Fig. 26 – Área das expressões

A sala dispõe ainda de quatro placares, onde estão expostos trabalhos realizados pelas crianças e o calendário de aniversários das mesmas.

A exposição dos trabalhos realizados pelas crianças é um aspeto importante para o desenvolvimento das mesmas, pois sentem-se valorizados, o que aumenta a sua autoestima e autonomia.

Caracterização do grupo

O grupo da sala amarela é constituído por um grupo homogêneo de dezasseis crianças, sendo cinco raparigas e onze rapazes, na faixa etária dos três anos.

Segundo Papalia et al. (2001), na abordagem de Jean Piaget, estas crianças encontram-se no estágio pré-operatório, que se caracteriza por:

- Aparecimento da função simbólica, em que elas podem pensar em qualquer coisa sem ter que a ver à sua frente;
- Compreensão das identidades – o mundo está mais ordenado e previsível. Já têm consciência de que as alterações superficiais não mudam a natureza das coisas;
- Compreensão da causa e efeito – as crianças percebem que podem provocar os acontecimentos.
- Capacidade para classificar - torna-se possível organizar objetos, pessoas ou acontecimentos em categorias com significado.

Penso que, de uma forma geral, o grupo apresenta essas características, fato que se torna visível quando brincam com os legos e formam conjuntos, agrupando as peças em função da cor, ou quando estão todos no recreio e elas conseguem distinguir quais são as crianças do seu grupo e quais os adultos da sala amarela, por exemplo.

De uma forma geral, as crianças revelam-se participativas, ativas e curiosas. Aderem com facilidade às atividades propostas pelos adultos da sala, porém, envolvem-se mais nas atividades livres.

Seis crianças do grupo não frequentaram a creche. Em relação aos colegas, demonstram algumas diferenças no que respeita à autonomia, pois são mais dependentes, e à realização de certas atividades, como a pintura, por exemplo.

Em termos de socialização, todas as crianças encontram-se bem integradas, com laços afetivos estabelecidos, tanto com os pares, como com os adultos da Instituição.

Normalmente, respeitam as regras da sala, nomeadamente no que refere à arrumação dos brinquedos e livros após a sua utilização. Se alguma delas deixar um brinquedo espalhado, ou correr dentro da sala, as próprias crianças chamam-na à atenção.

No último mês em que lá estive, foi para a nossa sala uma criança que vivia no Egipto, filha de pais portugueses, por motivos familiares.

Ela veio para Portugal com os pais provisoriamente, e como o primo já fazia parte do grupo, pediram à Direção da Instituição para que ela ficasse na sala dos três anos enquanto cá estiver. Integrou-se bem no grupo, criou laços afetivos com os pares e com os adultos, e como é mais pequena, as outras crianças demonstram preocupação com ela,

chamando-a para brincarem juntos e dando-lhe a mão quando é para sair da sala para o refeitório ou para o recreio.

A integração foi de tal forma bem sucedida, que ela tem vindo a ensinar algumas palavras egípcias aos colegas.

Na caracterização do grupo, importa conhecer a sua rotina diária, pois, quando bem estruturada, proporciona o desenvolvimento da autonomia às crianças e permite-lhes a aquisição de referências temporais.

Segundo Silva et al. (2009:40), *as referências temporais são securizantes para a criança e servem como fundamento para a compreensão do tempo: passado, presente, futuro, contexto diário, semanal, mensal, anual.*

Deste modo, a rotina diária da sala amarela encontra-se organizada da seguinte forma:

Horas	Ações
8-9	Acolhimento
9-11	Atividades orientadas
11-12:30	Higiene Almoço
12:30 – 13	Recreio
13 – 15	Repouso
15 – 15:30	Higiene
15:30 – 16:30	Lanche
16:30 - 17	Atividades livres

Rotina diária da sala amarela

O acolhimento é feito na sala polivalente, pela auxiliar da sala, junto com as crianças das outras salas, até às nove horas. Período em que cada grupo se dirige à sua sala, acompanhada da respetiva educadora.

Antes de iniciarem as atividades orientadas, a educadora reúne-se no tapete com as crianças, onde é efetuada uma oração, seguida da canção do “Bom dia” e de uma conversa de grupo sobre temas de interesse das mesmas e sobre as atividades que irão ser desenvolvidas.

Descrição das observações

Iniciei o estágio no dia no dia trinta de novembro de 2013. Cheguei à Instituição às nove horas, e fui recebida pela Diretora, que me acompanhou à sala amarela e me apresentou às crianças e aos adultos.

Depois de conversar com a educadora, juntei-me ao grupo que se encontrava no tapete.

Posteriormente iniciaram a atividade orientada, que consistia em pintar com a esponja as abóbora de *Halowin*. Para o desenvolvimento desta atividade, as crianças foram divididas em três grupos, tendo ficado cada adulto (educadora, auxiliar e estagiária) com um grupo.

A medida que iam terminando a atividade, as crianças iam brincar para as diferentes áreas, até à hora da higiene.

Às onze horas, arrumamos a sala (as crianças arrumaram os brinquedos e os adultos, as mesas e colocaram as camas para o repouso).

Após a higiene e almoço, dirigimo-nos ao pátio exterior, onde as crianças estiveram a brincar até à hora do repouso.

Como almocei ao mesmo tempo que as crianças, fiquei na sala vigiando-as e auxiliando a educadora na preparação da atividade para o dia seguinte, durante o tempo repouso.

Quando acordaram, arrumei as camas, enquanto a auxiliar foi com elas à casa de banho, e seguidamente, ajudei a educadora a penteá-las (cada criança possui um pente e uma escova, devidamente identificadas, e que ficam guardadas numa estante, em prateleiras separadas).

Apoiei-as durante o lanche, até à minha hora de sair.

Prestei auxílio às crianças em todas as suas rotinas, aproveitando ao mesmo tempo para me integrar e ganhar a sua confiança e empatia.

Nos dias seguintes, não se verificou alterações na rotina diária, tendo registado alterações apenas no tipo de atividade proposta pelos adultos.

Assim sendo, no dia seis de novembro, deram continuidade à uma atividade iniciada no dia anterior, sobre o corpo humano, que consistiu na estampagem com as mãos numa folha A₃.

No dia treze, a educadora e a auxiliar fizeram uma dramatização da história “Dente, dentinho”, no âmbito da higiene oral. A história era sobre um dente que, por ter comido muitos doces e não ter tido cuidado com a sua higiene, acabou por ficar doente e com uma

cor cinzenta. Depois de ter sido tratado pelo dentista, adotou hábitos de higiene, e ficou bom e branquinho.

Penso que este tipo de atividades proporciona momentos de aprendizagens enriquecedoras, já que as crianças assimilam melhor os conhecimentos transmitidos, devido ao carácter lúdico presente nas mesmas.

Após a dramatização, cada criança pintou o dente doente de cinzento e o bom de branco, previamente desenhados numa folha A₃.

No dia vinte, estiveram a terminar uma atividade iniciada na segunda feira, no âmbito da comemoração do dia do mar. Pintaram alguns peixinhos, que posteriormente foram recortados pelos adultos e colados numa folha previamente pintada com anilínia azul, pelas crianças. Nesse dia recebemos a visita da minha orientadora de estágio, professora Ana Bela Silva e da professora Ana Pessanha. Combinei com a educadora que nas próximas semanas levaria uma atividade para fazer com as crianças, dentro dos temas que estivessem a ser trabalhados.

No dia vinte e sete, preparei uma atividade para fazer com eles. Consistiu na elaboração de um sino de Natal, feito a partir de materiais reciclados: cápsulas de café e filtro de café. Cada uma pintou um filtro de café, no qual depois de seco, foi colado uma cápsula de café pendurado por um fio de lã.

No dia quatro de dezembro, foi elaborado um postal de Natal, com papel de crepe modelado em pequenas bolas. A descrição desta atividade será feita no capítulo das intervenções.

À onze de Dezembro, levei desenhado e recortado, em cartolina, a cara do Pai Natal. Cada criança decorou o seu com colagem de algodão e papel de lustre vermelho previamente cortado em pequenos quadrados. Os olhos foram pintados com lápis de cor.

No dia dezoito, após a leitura da história **A pequena bétula e o grande abeto**, inserida no livro *Histórias de Natal*, de Fabrice Lelarge e Anne-Marie Frisque, entreguei a cada criança o desenho de um presente, feito numa cartolina branca, que tiveram de decorar com pequenos pedaços de papel de lustre e com uma fita de cetim.

No dia catorze de janeiro preparei uma atividade, que consistiu numa pintura de sopro, cuja descrição será feita mais pormenorizadamente no capítulo das intervenções.

A última atividade que fiz com elas foi a elaboração de um painel de inverno, cuja descrição constará no capítulo das intervenções.

A educadora trabalha em equipa com a auxiliar da sala, decidindo juntas sobre as ações a serem desenvolvidas com as crianças.

Intervenções pedagógicas

Intervenção I – Postal de Natal

Esta intervenção decorreu no dia quatro de Dezembro, e consistiu na elaboração de um postal de Natal (ver anexo 3).

Antes do início da atividade, conversei com as crianças sobre a atividade a ser desenvolvida, e sobre o que tinha sido trabalhado nos dias anteriores sobre o Natal.

Para a realização da mesma, levei para cada criança um postal feito em cartolina, com o desenho de uma árvore de Natal.

Recortei o papel crepe em pequenos quadrados, e as crianças tiveram de os modelar, formando pequenas bolas.

No tronco da árvore foi colado um pequeno retângulo de cartolina canelada de cor castanha. Na sua copa, foram coladas as bolas de papel crepe. Por último, foi colada uma estrela amarela, feita em cartolina, no topo da árvore.



Figura 27 – postal de Natal

Penso que a atividade correu bem, pois foi bem aderida pelas crianças, que participaram ativamente e manifestaram entusiasmo no decorrer da mesma.

Foi planificada, tendo em conta as características e interesses das crianças, e o tema em aprendizagem.

Pretendi com esta ação, desenvolver a capacidade de atenção e concentração, promover o desenvolvimento gradual da motricidade fina e promover o contacto direto das crianças com diferentes tipos de materiais.

Tive ainda em consideração, uma das competências que elas deverão desenvolver até ao final da educação pré-escolar, definida pelo Ministério da Educação: a criança representa vivências individuais, temas, entre outros, através de vários meios de expressão.

Contei com o apoio da auxiliar e da educadora, pois sozinha não teria conseguido trabalhar com todas as crianças ao mesmo tempo.

Escolhi esta atividade porque, após refletir sobre a mesma, conclui que as intencionalidades educativas previamente definidas foram alcançadas. Uma das crianças

questionou-me se poderia levar o postal para casa. Nesse instante, foi decidido pela educadora e por mim, que este seria o postal de Natal para as famílias.

Fiquei satisfeita com o resultado, e principalmente pela forma como as crianças participaram e se entusiasmaram com o postal.

Intervenção II – Pintura de sopro

Esta intervenção decorreu no dia catorze de janeiro, e foi planificada de acordo com o tema definido pela educadora: **o inverno** (ver anexo 4).

Inicialmente, a educadora disse-me que as crianças teriam dificuldades na execução da tarefa proposta, visto nunca terem feito pintura de sopro antes. Porém, permitiu-me que a aplicasse.

Levei desenhos de chapéus de chuva já recortados em cartolina branca, e as crianças tiveram de as pintar, utilizando a técnica do sopro.

A atividade foi realizada com grupos de duas crianças de cada vez, enquanto as outras iam terminando um trabalho iniciado no dia anterior com a educadora. Uma das crianças não conseguiu pintar o chapéu com a técnica do sopro, pelo que a deixei pintá-lo com o pincel.

Cada criança escolheu as cores com que queria pintar o seu chapéu.

Contei com o apoio da auxiliar durante a realização da atividade.

Pretendi com esta ação promover o desenvolvimento da capacidade de atenção e concentração, e o contacto direto com diferentes tipos de materiais e técnicas de pintura;

Apesar do receio inicial da educadora em relação ao êxito final, a atividade correu bem, pois, por ser uma técnica nova, as crianças participaram de forma ativa, demonstrando grande interesse e motivação. Foi essa a razão para eu a ter escolhido para constar neste capítulo do trabalho.



Fig. 28 – Pintura de sopro



Fig. 29 – Secagem da pintura



Fig. 30 – Exposição dos chapéus de chuva

Intervenção III – Painel de inverno

Esta intervenção foi realizada no dia vinte e dois de janeiro, e foi planificada de acordo com o tema em estudo e com as características e necessidades das crianças (ver anexo 5).

Para tal, foi elaborado um painel de inverno, utilizando a pintura e a colagem de diferentes materiais, numa cartolina duplex.

Para a elaboração da atividade, levei uma cartolina duplex, desenho de dois bonecos de neve, de uma árvore e de duas nuvens, feitos em cartolina branca e previamente recortados. Levei também a palavra **Inverno** escrita com letras de máquina grandes, para que fosse pintada pelas crianças.

O trabalho foi desenvolvido com todo o grupo, e cada criança participou na elaboração do painel.

Enquanto um grupo pintava o painel (cartolina duplex), as outras crianças colavam algodão e pedacinhos de papel de lustre de várias cores no boneco de neve, pedacinhos de lã castanha no tronco e nos ramos da árvore, algodão nas nuvens, e pintavam as letras da palavra **inverno**.

Cada adulto (educadora, auxiliar e estagiária) ficou numa mesa com um grupo de crianças. Porém, as crianças iam trocando de mesa, de modo a que todos participassem nas diferentes etapas da elaboração do painel.



Fig. 31 – Colagem de algodão e papel de lustre nos bonecos de neve



Fig. 32 – Pintura do painel



Fig. 33 – Pintura das letras



Fig. 34 – Colagem de lã na árvore



Fig. 35 – Secagem do trabalho



Fig. 36 – Exposição do trabalho

Algumas crianças, por gostarem mais de pintar, pediram para ficar mais tempo na mesa da pintura, pelo que respeitei a sua vontade.

Foi uma experiência bastante agradável, pois proporcionou um momento de interação, de cooperação, resultante do trabalho de equipa.

Senti que o desafio foi bem aceite pelas crianças, e as minhas intencionalidades previamente definidas foram alcançadas. Demonstraram interesse na elaboração do painel, e apreciaram o resultado final, tendo convidado as crianças e a educadora da sala ao lado para irem ver o resultado final. Estas foram as razões que me levaram a escolher esta atividade para documentar neste relatório.

Conclusão

As experiências vivenciadas nos estágios realizados ao longo destes três semestres constituíram uma parte bastante relevante na minha formação enquanto futura educadora, pois, permitiu-me construir conhecimentos acerca da prática educativa desenvolvida em contexto da educação pré-escolar e da creche.

Tive a oportunidade de contactar com realidades diferentes o que me permitiu refletir sobre o papel dos estagiários e a ação profissional do educador de infância.

Durante este período procurei desenvolver a minha ação, tendo em conta as características e reais necessidades das crianças a quem essa ação era destinada, procurando envolvê-las de forma ativa no processo de aprendizagem, pois, Vasconcelos (2009:55), defende que *as crianças não podem ser vistas como um passivo vaso receptor de saberes*.

A realização deste trabalho constituiu o culminar de uma etapa recheada de novas aprendizagens, que foram adquiridas, tanto no terreno, como nos diversos momentos de reflexão sobre a prática educativa, em diversas Unidades Curriculares, nomeadamente, na de Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico, da qual, entre outras tantas, ficou uma frase marcante, proferida pela docente Ana Bela Silva, em Outubro de 2012, numa das suas aulas:

A infância como depositária de esperanças futuras põe em evidência a função social de educar mas a infância como tempo próprio de vida põe em evidência a função humanística da educação, no respeito pela individualidade de cada ser humano.

Revendo o meu percurso, penso que houve uma evolução significativa, fruto de muito trabalho e do bom acompanhamento das orientadoras dos estágios.

Porém, muito ainda há que experienciar e aprender, para que a minha ação enquanto profissional da educação de infância seja totalmente, e em todos os momentos bem sucedido. Como deixei antever na introdução, este período foi apenas mais um capítulo marcante de um livro com muitas páginas por escrever ainda.

O contacto com aquela que será a minha realidade profissional futuramente fez-me crescer a nível pessoal e profissional.

Todas as aprendizagens adquiridas e as experiências vivenciadas, irão permitir-me regressar ao meu país de origem, com uma bagagem cheia conhecimentos, de sonhos, de sede de novas aprendizagens, e com a certeza de que escolhi a profissão certa.

Perante estas reflexões, faço uso das sábias palavras de Fernando Pessoa como forma de sintetizar todo o trabalho desenvolvido ao longo desta etapa, e para exprimir o meu sentimento em relação a todo o percurso de formação efetuado:

(...) Valeu a pena? Tudo vale a pena

Se a alma não é pequena.

Quem quer passar além do Bojador

Tem que passar além da dor (...).

Referências bibliográficas

Cardona, M.J. (2007). *Avaliação em jardim de infância : As paredes também falam*. CEI nº 81. APEI.

Hohmann, M. & Weikart, D. (2009). *Educar a criança* (5ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Papalia, D., Olds, S. & Feldman, R. (2001). *O mundo da criança* (8ª ed.). (Bastos, A., Martins, C. Jongenelen, I., Cruz, O. & Gonçalves, T. Trad). Lisboa: McGraw-Hill.

Pessanha, A.M. (2001). *Actividade lúdica associada à literacia*. Lisboa: Ministério da Educação.

Portugal, G. (s.d.). *Finalidades e práticas educativas em creche: das relações, actividades e organização do espaço ao currículo na creche*.

Silva, M. I (2009). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (4ª ed.). Lisboa: Ministério da Educação.

Vasconcelos, T. (2009). *A educação de infância no cruzamento de fronteiras*. Lisboa: Texto Editora.

Zabalza, M. (2001). *Didática da educação infantil*. (Vilar, A. Trad.). Lisboa: Edições Asa.

Webgrafia

História da Freguesia de Lumiar. Acedido em <http://www.jf-lumiar.pt/menu/lumiar/submenu/historia-da-freguesia> - em 15 de fevereiro de 2014.

História da Freguesia da Penha de França. Acedido em <http://www.jf-penhafranca.pt/educacao.htm> em 15 de fevereiro de 2014.

Legislação consultada

Decreto Lei no 43/2007, de 22 de Fevereiro, em <http://www.dges.mctes.pt/NR/rdonlyres/84F15CC8-5CE1-4D50-93CF-C56752370C8F/1139/DL432007.pdf>

Decreto Lei no241/2001. *Perfis específicos de desempenho profissional do educador de infância e do professor do 1.º ciclo do ensino básico*. Recuperado em 16 de fevereiro de 2014, de http://www.dgidec.min-edu.pt/educacao infancia/data/educacao infancia/Legislacao/dl241_01.pdf.